

# O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARY).—Causas e effectos.—Romance O Testamento do Sr. de Chauvelin.—(A ponte Brimial) (curiosidades dos tempos antigos e modernos) — Canhenho. — Meia noite. — (Canto fantastico). Revista de theatros. — Poezias — As duas redempções — Um desejo. — Sofrendo. — Bulletin bibliographico (As cinzas de um livro).

## Causas e effectos.

Não ha effecto sem causa. Todo o resultado suppõe uma acção anterior; toda a flor uma semente (excepto as da rua do Ouvidor); toda a hora um tempo, todo o beijo dous labios.

Assim a creação não é senão uma galeria de contingencias, uma sucessão de élos, uma escola de deducções, um *ergo* pratico sobre todas as principias.

Esses problemas de causa e effecto resolvem-se na historia, nas sciencias naturaes, na philosophia propriamente dita, na arte, na litteratura, na vida intima dos povos, na vida intima das familias, na vida intima dos individuos, na praça, na sala, no gabinete e no toucador.

O estudo deste facto é um dos mais toleraveis e nobres que a Providencia propõe ao espirito humano, no meio das velhas trivialidades da vida e o cercam.

O primeiro esforço desse estudo foi um arrojo de heroismo: o homem procurou conhecer a sua propria causa; definiu-se como relativo e tratou de descobrir a sua origem no absoluto. Tinha sido seduzido pelo templo de Delphos e lido a inscriptão socratica: conhece-te a ti mesmo, *nosce te ipsum*.

Nesta maneira porém de encontrar a causa do bem no maior, do relativo no absoluto não se de accordo com as opiniões de alguns es-

piriticos. Scribe encontra os grandes effectos nas pequenas causas: vêde o *Copo d'agua*.

E' a questão da aguia com o seu ovo.

Com effecto, ha na vida certos factos cuja razão de ser — faz estranhar a investigação critica; e a historia é uma galeria destas causas e desses effectos.

E os que escapam á historia? Uma queda do ministro, uma elevação de favorita, um divorcio, um poema, uma fundação tem muitas vezes a razão directa em um molecula, em um atomo.

O que é uma liga?

Pouca cousa: um pedaço de seda. Pois bem; a *o-dem da liga* faz constituir n's suas condecorações uma distincção especial e real. E' quasi um privilegio de principes.

Entretanto sabeis, todos sabem como nasceu esta ordem esquisita; a condesa de Salisbury dansava, e no meio da dança cahiu-lhe a liga; Eduardo III, que como um bom rei gostava de mulheres formosas, era amante dessa interessante fidalga, e para preencher as regras da delicadeza e do galanteio, apressou-se em apagar-lhe a liga cahida. A soffreguidão fez rir aos fidalgos. — *Honni soit qui mal y pense*, disse o rei. Desde então quiz fazer valler o objecto dos motejos dos cortesões; in tituiu a ordem da Liga.

Eis aqui uma cousa tão pequena, tão futil, produzindo a instituição d'uma ordem de cavallaria, levantando a uma altura de brasão este utensilio femenino, que nenhuma importancia tem para mim, excepto nas horas de suas funcções.

Não pára só aqui. Tomemos este mesmo objecto; quantas vezes não tem sido causa de muitos acontecimentos notaveis, creio eu.

Quereis mais?

Newton descobriu as leis da gravidade com a

quêda de uma maçã. Passeiava em um jardim na reflexão de seus problemas mathematicos, e foi interrompido pela maçã que, cansada de estar pendurada, e tendo sasonado convenientemente, desprendeuse do galho que a sustinha.

Ora, antes disso quantas maçãs não tinham cahido de seus galhos sem que a ninguém despertasse a idéa de gravidade?

O effeito foi grande; nada menos que um conhecimento para a sciencia e um palmo de pedestal para a memoria do grande mathematico; entretanto a causa foi ainda futil, commum, sem valor apparente.

Na ordem da sciencia ha ainda mais exemplos. Archimedes cansado por um trabalho que devia realizar, inflamou-se tanto um dia que passou a tomar um banho. Entrou para a agua e sahio logo com uma descoberta na cabeça — a na e gação.

Applicando este facto, realisado tantas vezes, no movimento das cousas humanas, conclue-se que nem tudo nesta vida deve ser tomado ao pé da letra historica? Assim, certos homens que parecem grandes, certos factos que nos parecem extraordinarios, no caso de terem uma origem, uma causa pequena e impalpavel devem ser apeados de sua altura, por esta lei racional que mostra o effeito contido na causa?

Resta considerar o valor intrinseco da causa, o concurso das circumstancias e todo esse aparato philosophico. E' essa uma indagação fina e profunda.

Não ha entretanto esphera social onde este embate de pequenas causas e grandes effeitos se opere com mais frequencia do que no mundo elegante, na esphera do galanteio.

Uma flor, um leque, um olhar, um roçar de sedas, um gesto, uma luva, são, tem sido e hão de ser sempre, enquanto existir a nossa humanidade, causas leves e imperceptiveis de factos importantes, que decidem muitas vezes do destino de uma familia, do futuro de um homem, e talvez do movimento de um paiz. Deus sabe como muitas favoritas prendem os corações reaes e chegam a governar os imperios, frangeis creaturas como são.

VICTOR DE PARMA.

## O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN.

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

VII.

### O PADRE, O PRECEPTOR E O INTENDENTE.

(Continuado do n. antecedente.)

No dia seguinte aquelle em que o rei permitira ao Sr. de Chauvelin retirar-se para suas terras, a marquezia, mulher d'este ultimo, passeava no parque de Grosbois com seus filhos e o respectivo preceptor.

Santa e nobre mulher esquecida á sombra d'esses grandes carvalhos pela corrupção que a cincoenta annos devorava a França, Mme. de Chauvelin, entretinha a sua vida com tres affectos: a veneração por Deus que a abençoava, o amor por seus filhos que adoravam-na e a amizade por seus criados que a veneravam.

Preoccupada sempre de tudo o que dizia respeito a seu marido, ella o acompanhava com o pensamento no theatro tempestuoso da corte, como a mulher do marujo segue com o coração o pobre navegante perdido nos recifes em meio da tempestade.

O marquez amava ternamente sua mulher: ainda depois de corteção preferido nunca olvidara, n'essa partida em que sempre ganham os creis, a felicidade da vida domestica, d'esta derradeira e pura chamma que parecia sorrir-lhe como a felicidade futura. Encarava a felicidade do lar como o naufrago divisando o pharol salvador. No meio das longas tempestades de sua vida pensava sempre no descanso em meio de sua familia.

Uma das virtudes do Sr. de Chauvelin era nunca ter obrigado á marquezia a habitar Versailles. Si o fizesse, a virtuosa mulher teria obedecido, mas tambem ter-se-hia sacrificado.

O marquez uma vez fallou-lhe n'isto; conheceu porém o constrangimento que lhe impunha, e nunca mais demonstrou esse desejo.

Dizia-se que o marquez temia sua mulher; isso era falso: elle mesmo o confessava n'estas palavras:

— Tenho gaudio e continuo a ganhar muitas

geiras no inferno : deixemos a boa mulher por sua vez conquistar-me algumas pollegadas do céu.

O marquez não ia mais a Grosbois ; quando pueria vêr sua mulher, iam ambos terêr S. André, e isto uma vez por anno. Seus filhos ambem só uma vez o viam : era no dia do anno novo.

O abbade V... era o encarregado da educação dos dous filhos do Sr. de Chauvelin, e estimava-os como si d'elles fôra o próprio pai.

Além do abbade, um velho intendente chamado Bonbonne, e o padre Delar, confessor da marquezia, concorriam com suas luzes para a boa administração e paz d'aquella casa.

Imagine-se de quanta consolação não seria uma carta do marquez para sua família, que no fim de cada anno, no momento da separação, julgava ser a ultima vez que se encontravam !

— E' preciso confessar-se, dizia o padre, que semelhante vida muito deve angustiar ao Sr. de Chauvelin !

— E' preciso confessar-se, replicava o velho intendente, que isto um grande desatranço traz para a casa.

— Confessemos todos, continuava o preceptor, que estes meninos assim, como vivem, sem terem emulação, poucas glorias poderão alcançar.

E a angelical marquezia sorria para todos três, respondendo ao abbade, que o Sr. de Chauvelin em tempo se desquitaria das cadeias que o prendiam á corte ; ao intendente, que as economias feitas em Grosbois suppririam as faltas de sua caixa tão *sangrada* em Paris ; ao preceptor, que o sangue que corria nas veias de seus filhos por si só bastava para estimulal-os na carreira da gloria.

E assim iam passando felizes dias no meio dos seculares carvalhos, á sombra de sua ramagem e sonhando sempre com outros ainda mais felizes dias.

A desgraça não tardou em chegar. As flores cahiram do seu hastil, os fructos mirraram, as aguas dos ribeiros seccaram. A familia toda estava n'este dia desolada ; o intendente apresentara contas enormes á marquezia e predisse-lhe a ruina de seus filhos no caso que seu marido não se apressasse a pôr-se á frente de seus negocios.

— Minha senhora, disse-lhe elle depois do almoço, permitta-me que lhe diga vinte palavras.

— Diga, meu caro Bonbonne, replicou a marquezia.

— Lembre-se, senhora, que a estou esperando na capella, interrompeu o padre Delar.

— Tenho a honra de prevenir á senhora marquezia que hoje vou examinar em grammatica e em mathematicas os seus dous filhos que já não querem estudar, interrompeu por sua vez o abbade V...

A marquezia tomou o braço do padre Delar.

— Meu padre, disse-lhe ella, começarei confessando-lhe que hontem distrahi-me por occasião da missa.

— E porque, minha filha ?

— Por causa de uma carta que espero do Sr. de Chauvelin e que ainda não chegou.

— Eu lhe absolvo, si foi unicamente por isso, minha filha.

— Sim, foi, meu padre, respondeu a marquezia com um sorriso de seraphim.

O padre retirou-se.

— Senhor abbade, disse a marquezia chamando-o, o exame a que hoje quer proceder seria longo e pezaroso : si os meninos nada souberem teremos de punil-os, e por isso é melhor guardarmos isto para outro dia.

O abbade conveio no que a marquezia lhe havia dito.

— Agora, Bonbonne, chegue se para perto de mim, continuou a Sra. de Chauvelin, logo que o abbade retirou-se. Não haverá meio de dissipar estes temores de que se deixou possuir ?

— Duvido, marquezia.

— Vejamos sempre.

— E' facil de comprehendel-o, marquezia : minhas contas são atterradoras.

— Não me procure assustar, por que sabe que a minha caixa nunca teve medo de vêr-se vazia.

— D'esta vez affianço que terá, senhora, ainda mais do que medo, e succumbirá.

— Ora vamos, Bonbonne, o senhor ainda não contou comigo.

— Por que sei as difficuldades com que a senhora marquezia sempre luta.

— Mas ainda não me foi preciso recórrer a pessoa alguma, Bonbonne.

— D'esta vez haverá essa necessidade, por que de tudo sei.

— O que é que sabe.

— Sei em quanto monta as suas economias.

— Duvido : exclamou a marquezia corando.

— Si duvida digo já : a Sra. marquezia tem



apenas de suas economias perto de vinte cinco mil e quinhentos escudos.

— Oh! Bonbonne, interrompen a marquezia corando como si o intendente houvesse sido indiscreto.

— Espero que a Sra. marquezia me fará a justiça de acreditar que não abri a sua gaveta.

— Então.... como?

— Quanto recebe por anno para sua casa? não é dez mil escudos?

— Sim, é.

— Quanto gasta, não é oito mil escudos?

— E'.

— Não ha dez annos que a Sra. marquezia entesoura este dinheiro, por isso que a dez annos o Sr. de Chauvelin acha-se na côrte?

— E' verdade.

— Pois bem, senhora, estes saldos capitalizados devem hoje montar a vinte cinco mil escudos.

— Bonbonne!..

— Advinhei... Ora si a Sra. marquezia os tem dará ao Sr. de Chauvelin, ao primeiro pedido que elle lhe fizer; e dando, nada mais restará para seus filhos.

— Bonbonne!

— Fallemos franco: o marquez deve hoje setecentas mil libras.

— Mas possui um milhão e seiscentas mil.

— Embora: satisfeitas as dividas, o excedente não lhe chegará.

— Não me assuste, Bonbonne.

— Pelo contrario, procuro remediar.

— E o que devemos fazer?

— Pedir ao Sr. de Chauvelin que gaste muito, que aliene a favor de seus filhos tudo o que puder, ou que faça um testamento deixando-lhe tudo a título de divida.

— Um testamento, Bonbonne!

— Estes escrúpulos vem fóra de tempo: por ventura morre alguém sem fazer testamento?

— Falar de testamento ao Sr. de Chauvelin!

— E o que tem isso? Receia perturbar o Sr. marquez em meio de suas alegrias, citando-lhe esta palavra—o futuro? palavra que ainda mesmo para os mais felizes quer dizer—morte! Pois bem, anteponha este temor á ruina de seus filhos e poupe esse incommodo ao Sr. de Chauvelin.

— Bonbonne!

— Eu sou um livro que falla: leia as minhas contas.

— Isto! terrível.

— Será ainda mais terrível a realidade que lhe annuncio. Marqueza, marqueza, mande quanto antes apromptar a sua carruagem e vá ter com o marquez.

— Em Paris?

— Não, em Versailles.

— Eu, ir a Versailles? nunca!..

— Então escreva-lhe.

— E lerá elle a minha carta? Não sabe que quando lhe escrevo para felicitá-lo ou pedir-lhe que venha vêr-me, elle nem ao menos lê as minhas cartas? E sendo assim como me prestará attenção tomando eu a penna de um homem de negocios?

— Então vá um amigo, eu por exemplo.

— O senhor?

— Pensa que elle não me prestará attenção?

— Não, penso que elle pode adoecer.

— Seu medico o restabelecerá.

— O Sr. pôde enraivecê-lo, e a colera o matará.

— Não, elle viverá: mas si por fatalidade, morresse por minha causa, isto mesmo aconteceria depois de ter feito o seu testamento.

E o honrado Bonbonne deu uma risada que incommodou bastante a marquezia.

— Bonbonne, não falle mais assim, por que então a mim é que matará, murmurou ella.

Bonbonne pegou-lhe na mão com respeito.

— Perdoo-me, marqueza, esqueça-se do mal que lhe causei; irei a Versailles e prometto-lhe que nada acontecerá ao Sr. de Chauvelin.

— Louvado seja Deus!.. Mas, olhe!..

O que?

— Realisaram-se os meus mais ardentes votos;

— Com o?

— Não vê aquella carruagem?

— Vejo.

— E não reconhece a libré?..

— Aquelles cavallos são do Sr. marquez?..

— Senhora! senhora! exclamaram o abbade e o padre Delar entrando.

— Senhora! senhora! responderam vinte vozes diversas da parte de fóra.

— Maman! maman! exclamaram tambem os filhos,

— Marquez! o marquez hoje em Grosbois! será isto uma realidade, meu Deus!

— Bom dia, marqueza, gritou o Sr. de Chauvelin descendo da carruagem.

Bom dia, marqueza. Sim, sou em mesmo corpo e alma.

— Elle, bom de saule e alegre sempre ! Bemdito seja o nome de Deus !

— Viva o Sr. marquez ! viva o Sr. marquez ! exalta naram muitas vozes a um tempo.

(Continua).

## Curiosidades dos tempos antigos e Modernos.

### A PONTE BRITANNIA.

Quando o genio de Stephenson concebeu a audaciosa idéa de construir um caminho de ferro por cima do grande e medonho abysmo do estreito de Menai, sua tentativa foi recebida como insensata, ninguém mais do que elle acreditando na possibilidade de sua execução.

Então não se conhecia sinão as pontes pensis de Telford, que por sua construção ligeira e flexivel de nenhuma sorte convinham para sustentar o enorme peso de uma massa rolante tal como a dos wagons do caminho de ferro.

E tanto era reconhecido isto que os commissarios das pontes e calçadas de Inglaterra prohibiram applicar ás vias ferreas o systema das pontes pensis.

Stephenson não se deixou amedrontar nem pelas difficuldades da empresa nem pela incredulidade de seus amigos. Escolheu para lançar os alicerces de sua ponte o logar mais estreito do rio, onde pelo facto mesmo de ser menos largo tornava-se a torrente mais violenta e precipitada.

Muitos navios haviam-se despedaçado indo de encontro aos rochedos que orlavam Menai n'aquella temivel passagem. Dos lados elevavam-se altas montanhas, cuja base era um continuo abysmo enteitado pela espuma das aguas que n'elles se iam quebrar. Parecia impossivel effectuar-se em condições tão desfavoraveis e arriscadas a menor construção que promettesse perdurar.

Stephenson propoz-se primeiramente cortar a força das aguas dividindo o rio por grandes amontoamentos de pedras; este projecto porém sendo combatido pelo almirantado, imaginou um segundo que foi acceito, e a ponte de Britannia não tardou em ser construida tal como ainda hoje se vê.

Compõe-se ella de dous grandes tubos oucos de ferro fundido collocados ao lado um do outro e estendendo-se até o comprimento de tres mil pés. O rochedo que se achava no meio do canal

foi de grande utilidade para a collocação d'estes tubos.

O seguinte trecho do relatorio do Sr. Francisco Head sobre estes trabalhos gigantescos dará melhor do que nós uma idéa da importancia que merece aquelle trabalho herculeo.

« Parecia-nos impossivel uma combinação qualquer de materiaes que tornasse a ponte bastante solida para supportar seu proprio peso, e ainda mais o peso enorme de dous combois de viajantes e cargas a todo vapor bruscamente correndo. Quantos maiores esforços faziamos para chamarmos a reflexão e a razão em nosso auxilio mais o mysterio parecia-nos incomprehensivel. Todas as nossas idéias sobre a gravidade relativa dos corpos ficaram anniquilladas. As laminas de ferro de que se compõe esta audaciosa galeria aerea tem apenas a espessura de tres centimetros. Admira-se como o esforço da sciencia humana poudé tornal-as tão fortes, poudé fazel-as supportar o grande peso que supportam e resistir ás inumeras tem prestados que a sempre está sujeita a ponte. »

A ponte da Britannia, aberta á circulação a 5 de Março de 1850, passou por inumeras provas. Um comboio do peso de 200 tonelladas foi collocado no centro de um dos tubos, e no fim de duas horas reconheceu-se que o mesmo tubo não havia cedido nem meia pollegada.

Vrs.

### Canhenho.

A primeira assembléa geral legislativa constituinte fez a sua primeira reunião em 17 de Abril de 1823 com 53 deputados. Essa assembléa foi dissolvida em 12 de novembro do mesmo anno.

A execução do alferes Joaquim José da Silva Xavier Tira-dentes teve lugar em 21 de abril de 1789.

A primeira matriz e cathedral do Rio de Janeiro foi a igreja de S. Sebastião do Castello edificad por Salvador Corrêa de Sá.

O primeiro bispo nomeado para a diocese do Rio de Janeiro foi D. Frei Manoel Pereira, que depois de sagrado renunciou o bispado, e falleceu em Lisboa em 6 de janeiro de 1678.

## Mela noite

(CONTO PHANTASTICO.)

O distincto poeta, Padre Antonio Pereira de Souza Caldas nasceu no Rio de Janeiro em 24 de novembro de 1762, e morreu em 2 de março de 1814; foi sepultado no Convento de Santo Antonio.

A constituição que nos rege foi formulada e assignada por dez conselheiros.

Esses conselheiros foram :

João Severiano Maciel da Costa (depois marquez de Queluz) Luiz José de Carvalho e Mello (Visconde da Caxoeira) Clemente Ferreira França (marquez de Nazareth).

Mariano José Pereira da Fonseca (marquez de Maricá) João Gomes da Silveira Mendonça (marquez do Sabará) Francisco Vilella Barbosa (marquez de Paranaguá).

Barão de Santo Amaro (marquez do mesmo titulo).

Antonio Luiz Pereira da Cunha (marquez de Inhambupe) Manoel Jacintho Nogueira da Gama (marquez de Baependy) Jose Joaquim Carneiro de Campos (marquez de Caravellas).

O marechal Raymundo José da Cunha Mattos e o Conego Januario da Cunha Barbosa foram os fundadores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. A primeira sessão dessa associação teve lugar em 21 de outubro de 1838.

O seu 1.º presidente foi o visconde de S. Leopoldo, o 1.º secretario o conego Januario.

No primeiro ministerio do Sr. D. Pedro I. se contaram dous Andradas, ministros do Imperio e Fazenda; no primeiro ministerio do Sr. D. Pedro II. se contaram dous Andradas ministros do Imperio e Fazenda.

*Moreira de Azevedo.*

A noite era fria, era uma noite de inverno. Wilfrid foi o ultimo asahir da casa em que estivera e rapidamente caminhava pelas ruas cobertas de neve; parecia não ter frio, não sabia que a hora ja ia adian'a-la e consigo mesmo fallava de uma meza de jogo ante a qual se sentara: recordava-se d'aquelles montes de ouro ue haviam deslumbrado a sua vista e que ainda no meio das trevas pareciam scintillar dizendo lhe-somos a alegria, o poder, a felicidade!

De repente de um campanario desceu o som que annunciava onze horas e meia: este som fez Wilfrid despertar de suas meditações; parou, olhou em torno de si e não reconheceu o lugar em que se achava. Uma igreja e levava-se meio de um cemiterio,

A claridade um palido raio da lua Wilfrid distinguio em pe, no cume do edificio a imagem de S. João Nepomuceno, padroeiro da Bohemia, coroado com um diadema estrellado...

A porta do templo estava aberta; Wilfrid sentia-se fatigado, entrou...

Guiado pela tremula luz de uma pequena lampada suspensa ante o tabernaculo dirigio-se para aquelle ponto; mas apenas tinha descansado um momento, a porta da sacristia abriu-se e um padre com suas vestes sacerdotaes sahio, encaminhou-se para o altar, e depois de haver-se persignado e percorrido com a vista o adro do templo perguntou:

— Não haverá aqui quem me ajude a dizer a missa?

Ninguém responde e no entanto sua voz echoou por todos os recantos do templo; repetiu a pergunta tristemente e o mesmo silencio succedeu; ainda terceira vez perguntou mais tristemente; Wilfrid então levantou-se e disse:

— Eis me aqui!

Então accenderam-se os cirios e começou o sacrificio.

— Meu filho, disse o sacerdote voltando-se para Wilfrid logo que acabou de proferir as ultimas palavras do Evangelho: para recompensar-te do serviço que me fizeste, annuncio-te que morrerás dentro em um anno, e em um dia igual a este. Adeus, ante o tribunal de Deus nos encontraremos!



Wilfrid ficou só, até que o dia raiou; então levantou-se e dirigiu-se para sua casa; uma grande mudança tinha se operado n'elle: sua consciencia despertada pelo annuncio de uma morte proxima, parecia bradar-lhe incessantemente,

— É preciso restituir esses bens mal adquiridos abandonando essas criminosas alianças, renunciando a esses prazeres perniciosos. Pensa pensa na eternidade!

Wilfrid tinha medo; o juizo final parecia preoccupal-o.

Oito dias passaram-se assim; depois a terrivel revelação foi adormecendo no seu espirito e por fim ficou esquecida.

— Tenho um anno diante de mim, dizia Wilfrid, seis mezes ha-tim para converter-me, posso durante seis mezes gozar ainda da vida e de todos os seus prazeres, seis mezes é tempo mais que sufficiente para converter-me.

Esses seis mezes passavam como o relampago.

Uma manhã quando Wilfrid accordou viu que o estio se approximava, a terra cobria-se de flores amarelladas que cahiam dos arvoredos e o sol fazia sentir os seus ardentes raios.

— Restam-me ainda seis mezes, dizia Wilfrid, ainda tenho muito tempo. Tres mezes basta-me, para reconciliar-me com Deus...

Gozemos ainda, colhamos todas essas rozas de um dia... D'aqui a tres mezes converteime hei, festas e prazeres decorreram mais tres mezes.

— Quanto tempo ainda me resta! continuava Wilfrid. Não dizem que a misericordia divina é mensura, e que um instante de arrependimento basta para uma vida inteira de peccados? Quando estiver para morrer, oh! então, sim, então me arrependerei!

O inverno chegou de novo. Novembro voltou com os seus dias sombrios, Dezembro com as suas noites festivas. Estamos na vespera do anniversario da prophesia fatal, e Wilfrid correu a um baile que dava um millionario. Dansou, divertiu-se como de costume, mas de repente no meio de suas alegrias, a voz intima bradou-lhe

— São onze horas, pensa no juizo divino!

— Wilfrid, queres jogar? perguntou-lhe um dos convidados.

E Wilfrid dirigiu-se para a mesa onde estavam as cartas, os dados e o ouro.

— Para reconciliar-me com Deus basta-me um simples momento, disse elle consigo mesmo.

Nunca o baile pareceu-lhe mais inebriante, nunca o jogo mais atractivo.

Soaram onze horas e meia; ninguém deu fé da hora, e Wilfrid debruçado sobre a mesa, o olhar fixo, o peito anhelante, acompanhava o movimento dos dados e as oscillações por que passava a pilha de ouro. Que dia, que horas são? ninguém parecia saber-o...

De repente Wilfrid estremeceu, sua lingua ficou fria, enregelada na boca, juntou as mãos com desespero.... Meia noite acabava de soar!

A igreja de S. João Nepomuceno estava calma silenciosa, coberta de trevas, Wilfrid entrou, e não viu ninguém.

Aquelle altar, aquella prophesia, aquella mesa de jogo não haviam sido mais do que um sonho!

Mas este sonho não é a historia de muitas vidas?..

M. B.

## Revista de Theatros.

(10 de Dezembro).

SUMMARIO : — S. PEDRO : — *Captivo de Fez*, e *Dez contos de papaveles* : — OPERA NACIONAL : — *Pi-pilé*. S. JANUARIO. Duas palavras.

Augusto compensa Colligula, os Gracchos fazem amar essa Roma do circo, de Nero, e das proscriptões. Ha sempre no passado uma idéa, uma lembrança que o representa no espirito pela melhor face.

A leitora sabe que o classico não é o meu forte; applaudo-lhe os traços bons, mas não o accepto como fórmula util ao seculo. Digo fórmula util, por que eu tenho a inqualificavel monomania de não tomar a arte pela arte, mas a arte, como a toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana.

Assim não foi por simples gosto que fui assistir ao *Captivo de Fez*, phantasia romantica representada em S. Pedro. Duas foram as razões que lá me levaram : o meu dever de chronista, e a curiosidade de vêr a Sra. Ludovina da Costa.

O primeiro motivo está provado com estas paginas : o segundo é facil de justificar. A Sra. Ludovina está no caso de Augusto, compensa os desvarios da velha escola ; é a tragica eminente, na magestade do porte, da voz e do gesto, figura alhada por um quinto acto de Gorneille, tragica pelo genio e pela arte, com as virtudes da escola e poucos dos seus vicios.

Eis o segundo motivo que me levou ao theatro de S. Pedro para vêr o *Captivo de Fez*. Se assim não fosse o que fria eu lá vêr O *Captivo*? um

drama inconsistente, inverosimilhante, com todos os defeitos da escolha e sem uma só das suas bellezas?

O desempenho não me chamaria também ao salão de S. Pedro. A Sra. Ludovina é todo o drama, todo o mais pessoa, é força dizer nem lhe apanha os vãos.

Abstenho-me pois de analyse: todos conhecem o *Cativo de Fez*, como drama e como desempenho; fora inutil.

A noite não foi só o *Cativo de Fez*; tivemos também uma aria pelo Sr. Martinho e a comedia *Dez contos de papelotes*.

A aria é um trecho lyrico sem importancia, nem valor dramatico; não me occuparei com ella. Fora tomar tempo ás minhas leitoras com uma futilidade, futilmente desempenhada. A idéa do Sr. Martinho etc de se matar pelo pé é homérica de trivialidade.

Admira-se da minha franqueza, querida leitora? Pois eu não. Estou acostumado com os criticos de alem-mar—pennas de ferro, que se não torcem, estylo *tranchant* que não orna de rodeios o pensamento, como os selvagens ornavam de flores a victima que conduzião ao supplicio.

Sou ousado assim? E' uma arguição injusta e que eu não creio nas minhas leitoras; como mulheres, sabem que a ousadia é a primeira virtude masculina. Desculpem a franqueza.

Mas eu ero talvez com toda esta franqueza. E' ali o ponto da questão. Estou prompto a discurrir com os labios de rosa que me leem agora; provem elles que as minhas apprehensões em arte são erradas, eu tratarei de emendar-me, ou retirar-me da posição em que estou senão fôr capaz de emenda.

Mas por agora não; estou conscio do dever. Folhetinista pobre mas honesto, prometto não dar um motivo de descontentamento aos bellos espiritos encastoados em cachemira e seda que tem a complacencia de perder algumas horas comigo, antes de ir para o toucador; em compensação, estou certo que me não tomam por escriptor fofo, alarve que coma pão, com perda do estomago social e do senso commum.

Adiante.

A comedia *Dez Contos de Papelotes* é original brasileiro por... *trez estréllas*. Foi uma feliz idéa o incognito; o autor que não conheço pôde fazer mais alguma cousa de geito: sem duvida a co-

media representada é uma primeira producção e não seria util perder assim alguns louros futuros.

Não é digna de um publico illustrado a comedia *Dez Contos de Papelotes*: sinto dizel-o, mas a minha probidade está antes de tudo. Dous sujeitos, um belchior, e outro, não me lembro de que profissão, entram em casa de uma menina solteira que mora com sua tia, e que vai casar com um primo. A tia não apparece nunca e ninguém dá fé da entrada dos dous gamenhos apesar da alta e estirada voz do belchior.

Estes dous sujeitos tem entrevista com a referida menina sem que ninguém ainda dê por isso. Entretanto chega o noivo e é necessario escondel-os... por que? não sei, mas é preciso escondel-os. Um delles toma saia, chale, touca e vai sentar-se á poltrona, como se fôra a celebre tia; o outro fica por ali algures.

E assim por diante.

Não continuo; temo ser franco de mais, e desta vez antes quero faltar ao meu dever de historiar o theatro.

O Sr. Barbosa (o belchior) não esteve na altura da peça e do papel: fez de uma creação grosseira uma entidade banal. Locução laboriosa, arrastada, com os *rr* de carrinho, e as phrases pronunciadas gota a gota; gesto grotesco, contorsões de corpo e de physionomia, eis pouco mais ou menos o belchior dos *Dez Contos de Papelotes*.

Por que é que o Sr. Barbosa não attende aos verdadeiros conselhos dos que presão a arte? Não presumo que só reconheça por titulos á critica, uma pratica de longos annos; deve reconhecer e compenetrar-se de uma cousa: ha uma qualidade que vale a pratica, é o gosto; e esse não o dão longos annos de tarefa, é faculdade do espirito, attributo da intelligencia.

Eu disse em uma das revistas passadas que o Sr. Martinho, dotado de um largo estro comico, não devia deixa-lo ir sem cultura profunda e apurada. Repito a phrase desta vez. Sabe o artista o que está perdendo? é ouro, ouro de lei; uma vocação que poderia muito aproveitar para a arte.

Alguns negão ao artista uma redempção; eu não: creio, apraz-me crer, não sei se péco neste desejo de fé, que o Sr. Martinho, não tem apagado todos os raios de sua estrella de inspiração. Se lhe restam alguns, poupe-os: valem ouro, valem futuro.

São palavras sinceras, de quem lamenta de coração um suicidio lento, suicidio laureado de flores e coberto de palmas.



quem tem um capital de talento, tem necessariamente o dever de fazel-o productivo, accumula os juros pelos meios licitos, e os meios licitos são o estudo pratico dos caracteres, e dos sentimentos.

A não ser assim é inútil esperar pelo futuro, que o futuro quer sempre encontrar uma fortuna natural.

Estas reflexões fil-as eu assistindo aos *Dez contos de papelotes*.

Quem o viu nessa comedia, assim como na peça antecedente, lamentou de certo a arte, e a paciencia publica. Não havia ali bom senso artistico, mas um delirio da arte nas suas noites mais ebrias; em vez da tunica aristophanica foi um vestido de arlequim que o artista tomou aos hombres; ninguém se lembrava da arte em suas manifestações serias; mas das noites suadas de delirio desses classicos pavilhões dramaticos levantados em honra de uma das nossas pascoas.

Tive pena, confesso, senti-me confrangido de lastima; e é com sincera vontade de uma redempção que escrevo estas linhas.

A OPERA NACIONAL deu a sua segunda recita em S. Pedro. Cantou-se o *Pipelé*, partitura de Ferrari. Já fallei a respeito, e disse o que julgava conveniente á nascente companhia. O desempenho, da mesma maneira que o primeiro, fez nutrir esperanza de uma boa companhia de canto.

Finalizo com uma supplica. Tenho deixado no esquecimento o pequeno theatro de S. Januario, onde o Sr Germano tem dado espectáculos com a sua modesta companhia.

Já fallei uma vez, mas uma só vez. Pelo que a uma ligeira apreciação pudo colher, é que em os elementos que possui, fazendo uma boa escolha de peças, o theatro de S. Januario tem direito a um apoio publico. O *Anjo Maria* foi apresentado com gosto e estudo; fallam tambem o *Anjo e demonio* onde tem um papel importante a Sra. D. Manoella.

Ultimamente foi levado á scena o drama *Apre de Londres*, de grande espectaculo, e que lo que me consta, foi montado com esmero e cuidado. Não conheço a peça, mas dizem que é uma das melhores do repertorio classico. Irei vê-la o mais breve possível, e procurarei frequentar mais esse theatro que apesar de affastado, tem por garantia o trabalho e a dedicação.

## As duas redempções.

AO BAPTISMO E LIBERDADE DE UMA MENINA.

Inda uma vez tanjamos  
A lyra, e mais um hymno  
Consinta-me o destino  
Erguer nos cantos meus:  
Que vá, de sons profanos  
Despido e desquitado,  
Em vôo arrebatado  
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrella  
No berço da innocencia  
Derrama a providencia  
De duas redempções;  
Mostrando uma alma limpa  
Do crime primitivo  
No corpo de um captivo  
Que quebra os seus grilhões.

Que assumpto mais merece  
Um hymno de poezia?  
Que dia tem mais dia?  
Que feito tem mais luz?  
Do captivo um anjo  
Quebrando infames laços  
A' cruz estende os braços  
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deus o anjo  
Na filiação da graça,  
E o ser que o crime embaça  
Puniu a redempção!  
E o homem, dissipando  
Do berço insano aggravo,  
Em menos um escravo  
Abraça um novo irmão.

Que fôras, innocente,  
Que fôras n'esta vida,  
Da escravidão perdida  
No barbaro bazar! ?  
Pobre rola ferida  
Da infamia pelo espinho,  
Em que ramo? em que ninho?  
Te havias de aninhar.

Infante, sem affagos,  
Temendo-te altiveza,  
Querendo-te a viloza  
Plantar no coração,  
Dariam-te nos gestos,  
Nas vestes, no aposento,  
Na meza, no alimento  
Sómente—escravidão !

Donzella ( oh ! sacrilegio ! )  
Amor, qual flôr sem viço,  
Mil vezes é serviço  
Que féro senhor quer !  
E' dôr que o fel requinta,  
Que a impia sorte aggrava  
D'aquella que é escrava  
Depois de ser mulher.

Si mãe ( é mãe escrava ? )  
Quem sabe si verias  
Teu filho mãos impias  
Do seio te arrancar.  
E surdos ao teu pranto  
Mandarem-te com calma  
Do summo da tua alma  
A outro alimentar ? !

Criança, mas sem veres  
Da infancia as verdes côres.  
Donzella sem amores,  
Talvez alma sem Deus !  
Não fôras, arrastada  
Da vida pelos trilhos,  
Nem tua, nem teus filhos  
Seriam filhos teus.

O' vós, que hoje lhe destes  
O dom da liberdade,  
Que junto a divindade,  
Matais a escravidão,  
Ao trovador propicios,  
De acção tão excellente  
Em culto reverente,  
Guardai esta canção.

Eu sei que haveis guardal-a,  
Que em tão santa amizade  
Não vem variedade  
Deitar veneno atroz.  
Sou vosso desde a infancia :  
Da vida até o fim  
Sereis tanto por mim !  
Como eu serei por vós.

1859.

S. R.

### Um desejo.

Perdoa-me, donzella, setremendo  
Na risonha estação de meus amores,  
Desvairado a teus pés ousou pedir-te  
De teu collo gentil mimosas flores.

Perdoa-me ! A teu lado vacilante,  
Respirando os perfumes vaporosos  
De teus lindos cabellos desgrenhados,  
Quizera vêr-te em sonhos amorosos...

Si unidos ao luar, por noite amena  
Desfolhassemos candido jasmim,  
Em ebrioso abraço confundidos,  
Talvez morresse de me vêr assim...

Que a fresca madresilva dessas faces  
Enrubecida aos beijos anhelantes,  
Da languida ternura de minha alma  
Brotára novas flores vecejantes...

Dormir no alvo leito do teu collo  
Sentindo tuas mãos tremer nas minhas,  
Vêr-te bella em extasis palpitante,  
Esquecida do mundo em que definhas ;

Ao sol da vida vêr abrir as flores  
Que a teus pés despontassem n'um momento;  
Vêr-te presa a scismar em doce enleio  
Deitada no meu peito sem alento...

O melhor fôra do que vêr sorrindo  
 De graça os sylphos amorosos.  
 Fôra melhor do que morrer nas azas  
 De todas dos deleites vaporosos....

Mas se á sombra das graças que te enleiam  
 Queres a meus lábios vêr-te unida,  
 Como nauta infeliz, minha existencia  
 No pelago da dôr irá perdida....

1831.

*F. J. Bithencourt da Silva.***Soffrendo.**

Ao já fraco fulgor da lua, ao manso  
 doce suspiro da nocturna aragem,  
 alma adorada, vem velar comigo  
 á sombra amiga da languida folhagem.

Do sepulchro, a lapide pezada,  
 quebra; e surge, accorda, ressuscita;  
 vem, irmão, que a hora solitaria  
 do peito ás ternas expansões excita.

Desses cabellos, que tão loiros eram  
 saccode, lésto, do teu leito o pó;  
 longe o sudario; lança ao ermo as vestes  
 negras, tão negras que motivão dó.

Oh! vem, já basta de dormir, cerrando  
 o olhar tão puro do universo ás galas.  
 irmão, desperta, vae calada a noite;  
 e o ensejo é proprio para amigas falas.

Quero dizer-te que hei soffrido, e muito!  
 Enquanto inerte te enxergava—assim;  
 quanta saudade me escaldava o peito,  
 quanta ventura se arredou de mim!

Has de carpir-me, meu irmão, eu sei;  
 triste, em meus braços chorarás também:  
 pois foi tamanha minha dôr, que embalde  
 tentou cural-a suspirado bem!

Por entre as nuvens alvacentes, limpidas  
 dessa existencia que a mulher esmalta,  
 quanto fizera por te vêr desperto,  
 quanto era amarga de teu riso a falta!

Oh! vem, accorda, vae calada a noite;  
 irmão, é tempo de correr a nós.

— Appello inutil! nem da campã o echo  
 chora comigo, me responde á voz!

1 de Dezembro de 1859.

*Jorge Cussen.***Indole de mulher.**

..... milissimas mais, porém, nos sal-  
 va de nós mesmo.....

(A. HERCULANO.)

Póde ser que a mulher seja uma imbecil  
 E' o homem um dragão;  
 Póde ser que não tenha aquella prantos  
 E' o homem coração;

Póde ser que a desgraça e a miseria  
 Lhe faça a mão beijar,  
 Escrava das paixões ao homem bruto  
 Que goza de a provar.

Mas a mulher que o tempo divinisa,  
 Que o céo purificou,  
 Essa deve existir em toda parte  
 Como Deus a formou!

Debil, ardente por amor na vida  
 A flor do affecto seu,  
 Foi n'um hora de graça e de justiça  
 Que o Eterno a concebeu!

FRAGOZO.

**Buletim Bibliographico.**

AS CINZAS DE UM LIVRO

PELO SR. BRUNO SEABRA.

Publicou-se um livrinho, ou antes um folheto  
 com este titulo, producção em verso do Sr. Bru-  
 no Seabra.

A historia ahi contada e segundo informações  
 que tenho é exacta, pelo que toca á justificação do  
 titulo. O poeta tinha um livro, e um dia quei-  
 mou-o. O que o levou a esse auto de fé? Não sei.



*Tinha frio*, disse o poeta, *e eu queria aquecer-me*.  
E' um pretexto? uma verdade?

As cinzas de um livro são uma phantazia, um pamphleto, mais nada. Não apreciarei o livrinho como obra litteraria; o poeta se mostra tão doente d'alma que a critica emmudesse, e vai estudar a enfermidade moral de um espirito de vinte annos.

Não commungo com as invectivas deitadas á sociedade nesses ligeiros versos. Mereceu — as ella? Eis o ponto negro.

O poeta é talvez um desses individuos que como Pedro de Mello de que nos falla Lopes de Mendonça, passem na sombra, rolados pelas ultimas camadas sociaes; poetas ultrajados, secos de felicidade, ou morrem martyres da noite, ou riem de Deus, embalados pela duvida, frios por uma ossificação do espirito.

O poeta escolheu rir.

Queimou primeiro o livro, e chorou por elle:

*Meu pobre livro!... mas eu tinha frio!*

*Tinha gelo nas medullas dos ossos.*

Depois rio, rio de mais. Estes dous versos são repassados de um fel satânico:

*Não te arrependa não! virtude e vicio*

*Duas palavras são para um só facto:*

*Vicio é o vicio em que se não disfarce!*

*Virtude o vicio disfarçado ap nas.*

E' doloroso escrever estas phrases estravagantes e repassadas de uma descrença cynica, mas como lhe inspiraram estes versos?

### A filha da vizinha.

PELO SR. FERNANDES DOS REIS.

— Acaba de ser publicado o lindo romance original *A filha da Vizinha*, do Sr. José Fernandes dos Reis.

Não é este o primeiro romance que o Sr. Reis tem publicado: o *Correio da Tarde* tem mais de uma vez apresentado em suas columnas outras produções do mesmo senhor, que tem merecido o mais lisonjeiro acolhimento.

Dispensamo-nos de maior recommendação. O Sr. Reis tem um nome já conceituado o quanto modesto, como o conhecemos, a sua intelligencia é devidamente aquillatada.

O romance *A filha da Vizinha* passa-se no Rio Janeiro, e tem scenas bastante divertidas.

Um outro romance da mesma penna prepara-se para ser brevemente publicada em dous volumes. Tem elle por titulo *Leonora*.

Não podemos deixar de pedir o acolhimento publico para esta nova publicação. A falta de romances originaes brasileiros é geralmente reconhecida, e assim cumprimos um dever applau-

dindo todo o escriptor que se propõe com a arte a desenvolver tantas scenas curiosas que em familia passam entre nós desapercibidas.

— A *Primavera* é uma linda schotich que acabam de remetter-nos de S. Paulo para ser publicada com esta revista. Brevemente as nossas leitoras poderão apreciar mais este mimo musical. Composto pelo Sr. Antonio José de Almeida.

### Revista contemporanea brasileira.

PELO SR. BITTENCOURT DA SILVA.

Com o intuito de animar e desenvolver as vocações da mocidade vai brevemente encetar-se sob a direcção do Sr. F. J. Bittencourt da Silva uma publicação mensal composta de trabalhos, criticas, biographia e retratos dos individuos, de ambos os sexos, que dando-se ao cultivo das letras, artes, sciencias ou industrias nella mais se distinguirem.

As vantagens que desta publicação podem resultar para o progresso desses ramos de conhecimentos humanos, marcando por assim dizer o marco milionario da primeira época da vida de cidadãos perstimosos que mais tarde tem de honrar a classe a que pertencerem, são tão palpaveis que deixamos aos nossos leitores avaliá-las.

O desinteressado zelo com que o Sr. Bittencourt realisa as suas idéas é uma garantia de estabilidade para a projectada publicação. Ella vêm preencher um vacuo immenso, cuja realisação será para as bellas letras e artes um manancial inesgotavel de producção, ás quaes a critica imparcial e animadora dará um cunho de valor real e intrinseco até hoje em abandono e esquecimento.

O producto das assignaturas, qualquer que seja revertirá sempre em proveito da publicação não só augmentando-se o numero das folhas de impressão, de biographias e retratos, mas tambem enriquecendo-a com estampas, copias das melhores obras dos artistas que residirem neste imperio.

A este tão util e disinteressado reclamo é de crêr que não deixem de concorrer todos os homens prestimosos e amigos das cousas patrias.

A mocidade brasileira que deve ter ali o seu pequeno pantheon, cumpre especialmente concorrer com seus trabalhos e auxilio.

Em um paiz novo e cheio de vida como o nosso não se deve deixar morrer á mingua da seiva e protecção e protecção idéas proveitosas e dignas como a que temos o prazer de noticiar.

Trabalhe a mocidade; lembre-se que o futuro é a sua terra da promissão e o engrandecimento da patria será a sua recompensa.

Fazendo votos pela realisação e prosperidade de tão patriótica concepção damos ao seu autor nossos emhoras.